

Um testemunho de fé

É com lágrimas nos olhos e voz embargada que o empresário Eduardo Soares Dutra Vasconcelos, 51 anos, conta a história que divide com o filho de 12 anos, que leva o seu nome. Em diversos momentos, Duda, como é conhecido pelos amigos, precisa parar e respirar fundo para continuar o relato. Mas em meio à emoção, quando se lembra dos momentos mais difíceis da sua trajetória como pai, consegue sorrir e ser grato pela vida que pôde dividir com Eduardo Roriz de Melo Vasconcelos, o Dudu.

Quando o filho tinha 2 anos e 9 meses, Eduardo e a então namorada, mãe de Dudu, estavam em um processo de separação. Foi, então, que se depararam com uma crise na saúde do bebê. Sem explicação, ele não conseguia segurar nenhum alimento, tudo o que comia vomitava em seguida. Em meses, ele foi de 26 para 13 quilos.

“Era uma criança super saudável até então. Levamos em todos os médicos possíveis e ninguém conseguia descobrir o que Dudu tinha. Foi assustador, a gente não sabia mais o que fazer e, quando ele tinha 3 anos e 1 mês, descobrimos que ele tinha um tumor cerebral”, lembra.

Eduardo conta que a sorte foi encontrar um pediatra que pensou além de alergias alimentares ou problemas estomacais e pediu uma ressonância magnética. “Lembro de ele dizendo que todos os exames estavam normais até então. Que ia pedir esse exame e desejava muito estar errado, mas que a suspeita era de um tumor cerebral.”

No dia do exame, Eduardo viu um neurocirurgião e, sem pensar duas vezes, abordou o médico, explicou seu caso e pediu uma orientação. “Ele entrou na sala e saiu em questão de minutos. Disse que não sabia como meu filho ainda estava vivo. Ele tinha um tumor muito grande alojado no tronco cerebral,

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



e o médico disse que iria operá-lo naquele mesmo dia, pois ele podia morrer de um dia para o outro”, conta, emocionado.

A cirurgia tinha como intuito remover o excesso de líquido no cérebro da criança para que depois o plano de tratamento fosse avaliado. Durante a recuperação, Eduardo lembra que o filho acordou, questionou o “chapéu” diferente em sua cabeça e teve uma conversa carinhosa com o pai. Algumas horas depois, Dudu começou a ter convulsões. Ao todo, foram 26, que levaram a mãe e o pai ao desespero. Foram inúmeros medicamentos e procedimentos para parar as convulsões. No oitavo dia de recuperação, em coma induzido, Eduardo foi informado pelos médicos que ele deveria esperar pelo pior.

À espera de um milagre

Atordoado, Eduardo saiu da UTI e sentou-se, chorando, em uma sala de espera do hospital. Uma senhora se aproximou dele, colocou a mão em sua testa e pediu que orasse com ela. “Foi um anjo que Deus colocou no meu caminho. Ela disse que eu deveria ir até uma capela perto do hospital e que tudo daria certo porque Ele estaria me esperando de braços abertos.”

No dia seguinte, seguiu as orientações da senhora. A capela ficava ao lado de uma igreja e era dedicada à Nossa Senhora Desatadora de Nós. “Quando entrei ali, Ele estava me esperando. Sentei, chorei, orei e abri meu coração, e a fé que eu tinha perdido voltou. Fiquei forte e corajoso de novo. Depois, fui à missa e me sentei perto do altar. Quando ela acabou, o padre veio falar comigo”.